

Pandemia.

Novas proximias de valores comunitários

Prof. Dra. Arquitecta Mónica Alcindor
Presidente do Conselho Científico da Escola Superior Gallaecia
Prof. Dra. Arquitecta Mariana Correia
Presidente do Conselho de Direção da Escola Superior Gallaecia



Estes momentos de confinamento obrigatório, aos quais a nossa vida social foi submetida, proporcionaram uma experiência única para se refletir sobre o papel da arquitetura na vida individual e comunitária. A arquitetura é uma das principais profissões responsáveis pela construção dos edifícios nos quais ficamos confinados, bem como pelos diferentes ambientes que definem o espaço construído. Os nossos projetos podem exercer uma clara influência nas relações humanas, pois somos um dos principais agentes dos cenários em que o nosso quotidiano ocorre. Como referido por Durkheim, a arquitetura é um facto social material, ou seja, pode ser a petrificação de um momento cultural.

Nos últimos anos, novas tipologias colaborativas têm vindo a serem ensaiadas com maior dinamismo. É o caso do *cohousing*, que surgiu baseado em *design* intencional de habitação em comunidade. A pandemia trouxe um novo desafio com outros riscos, que podem passar despercebidos quando se tenta evitar a propagação do vírus. Ao se colocar em primeiro lugar a segurança, para se evitar o contágio, é possível que se promova implicitamente um maior individualismo.

O principal objetivo desta reflexão, produto dos debates tidos na esGallaecia nos distintos projetos do Mestrado Integrado da Arquitetura e Urbanismo, é focalizar o papel das emoções e do sentir da comunidade, em relação às novas condições de segurança. Isso pode evitar que se sinta o próximo como um adversário de quem nos deveremos proteger. É importante ter em atenção a dinâmica do espaço e do lugar e o papel da prática na construção cultural dos lugares (Appadurai, 1988). Isso significa ser sensível a uma abordagem baseada na retenção do senso de comunidade, continuando com o trabalho de transformar o “estar no mundo” em “estar em casa” (Han, 2020).

Os espaços devem continuar a gerar identidade, reunindo grupos sociais heterogéneos, construindo imagens da comunidade, estimulando redes de relacionamento, regulando tempos coletivos. Em suma, dando profundidade histórica ao “nós” (Cruces, 2010). Evitando-se a exacerbação do individualismo, pode-se combinar a ideia de um mundo de solidariedade, em segurança, e com comunidades interdependentes.

Referências bibliográficas:

- Appadurai, A. (1988), Introduction: Place and voice in anthropological theory, *Cultural anthropology*, 3(1), 16-20.
Cruces, F. (2009), *Símbolos de la ciudad. Lecturas de antropología urbana*, Madrid, UNED.
Han, B-C. (2020), *La desaparición de los rituales. Una topología del presente*, Barcelona, Herder.

Nós e a pandemia

Michel Toussaint
MEMBRO N.º 871

A súbita invasão de um novo coronavírus que se supõe ter sido transmitido de morcegos a humanos através de um outro animal comido por estes, coloca imediatamente a questão da nossa relação com a vida selvagem e, mais amplamente o nosso lugar na Natureza, partindo do princípio que somos animais nela incluídos, mas extraordinariamente invasores sobre o planeta Terra, provocando desequilíbrios cada vez maiores na medida em que já ultrapassámos os 7 mil milhões de seres com mais de metade deles urbanizados. As previsões para um futuro próximo são assustadoras.

O cientista James Lovelock propôs o conceito de Gaia, ou seja, do nosso planeta como um ser vivo onde foi a vida que criou as condições para prosperar, como aconteceu através dos tempos, deduzindo-se que a biodiversidade dos sistemas ecológicos é fundamental para a sua prosperidade incluindo a do ser humano. Timoyhy Morton, um filósofo do Antropoceno, defende esta ideia e critica veementemente que o covid 19 seja entendido como algo que nos é exterior, que nos ataca e devemos lutar contra ele como numa guerra.

Muitas das obras de Arquitetura, das intervenções nas cidades, campos ou desertos, projetam-se e planeiam-se isolando os humanos dos sistemas ecológicos e, ao mesmo tempo, destroem-nos, em boa parte na procura do lucro fácil e rápido ou da mais imediata sobrevivência, de acordo com uma cultura económica que se reforçou com a última globalização. Então como contrapor? Como procurar encontrar equilíbrios? Gonçalo Ribeiro Teles avançou com medidas legislativas e propostas de corredores ecológicos nas cidades, mas esqueceu-se das cidades como um todo. Elas são o ambiente biológico onde muitos de nós vivem.

Os arquitetos contemporâneos são os herdeiros de uma tradição de trabalho com a complexidade que já Vitruvio (século I a. C.) tinha modelizado e que fez caminho mau grado a separação entre a Arte e a Técnica (e a Ciência) no século XVIII, que tanto prejudicou a Arquitetura enquanto disciplina. Hoje já ultrapassámos tal, e os arquitetos têm um papel especial nas equipas multidisciplinares de projeto. Deste modo os arquitetos estão preparados para acolher, no seu modo de pensar e agir, uma maior complexidade, nomeadamente incluindo a biodiversidade nas cidades, nos seus espaços exteriores e interiores, públicos ou privados e até a dar melhor respostas às enormes desigualdades sociais que se têm aprofundado nos últimos decénios.

Por fim, vale a pena lembrar um dos grandes arquitetos da modernidade, esta que está na base destas crises que hoje enfrentamos. Trata-se de Le Corbusier. Ele tentou tomar o pulso de seu tempo e agir em conformidade. Mas não esqueceu a nossa relação com a Natureza. Por isso propôs os *pilotis* que permitiriam aos seres vivos prosperarem pelo solo natural sem os obstáculos construídos, propôs as coberturas em terraço ajardinadas que agora são mais adotadas, e, no plano de urbanização de Chandigarh incluiu generosos corredores verdes, um deles permitindo os meandros de uma ribeira, para uma cidade fortemente arborizada e ajardinada. Atualmente é considerada a cidade onde melhor se vive na Índia. Le Corbusier morreu em 1965, mas o seu exemplo enquanto arquiteto que reconheceu e trabalhou com a complexidade é ainda uma lição acrescentada do que chamou de *recherche patiente* ou seja, ter tempo para a reflexão (o que parece escassear hoje) e continuá-la ao longo da vida profissional/intelectual.

Este texto foi editado devido à sua extensão.
Clique neste botão para ler o texto original.